

Curar, aprender e ensinar: a ancestralidade dos saberes da benzeção enquanto expressão de pedagogias decoloniais no quilombo de Mata Cavalo

Healing, learning and teaching: the ancestry of the knowledge of blessing as an expression of decolonial pedagogies in the Quilombo de Mata Cavalo

Edson CAETANO¹

Elidiane Martins de Brito SILVA²

Flávia Lorena BRITO³

Resumo

Intensifica-se na modernidade a primazia do conhecimento científico e a crescente subalternização dos saberes manifestos pelos povos originários e comunidades tradicionais. Este texto se ocupa da reflexão acerca das práticas educativas não escolares a partir das medicinas tradicionais, expressas pelas benzedeiras e benzedores do quilombo de Mata Cavalo, localizado no município de Nossa Senhora do Livramento - MT. Metodologicamente o artigo é de natureza qualitativa e de cunho etnográfico. Concluímos que a produção e o compartilhamento de saberes em múltiplos espaços, a partir das experiências de práticas de cura, expressam pedagogias decoloniais e questionam a epistemologia dominante.

Palavras-chave: Saberes. Educação não escolar. Pedagogias decoloniais. Benzeção.

Abstract

In modernity, the primacy of scientific knowledge and the growing subordination of knowledge manifested by native peoples and traditional communities are intensified. This text deals with the reflection on non-school educational practices based on traditional medicines, expressed by healers and healers from the quilombo of Mata Cavalo, located in the municipality of Nossa Senhora do Livramento - MT. Methodologically, the article is qualitative and ethnographic in nature. We conclude that the production and sharing of knowledge in multiple spaces, based on experiences of healing practices, express decolonial pedagogies and question the dominant epistemology.

Keywords: Knowledges. Non-school education. Decolonial pedagogies. Magic blessing.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Titular da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, Brasil. Atua no curso de Graduação em Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0586786960992214>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9906-0692>. E-mail: caetanoedson@hotmail.com

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPT/PPGE/UFMT). Professora da Rede Pública do Estado de Mato Grosso (SEDUC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9002948376707479>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7684-1314>. E-mail: elimarbri2008@hotmail.com

³ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. Servidora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), Barra do Garças. Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho e Educação (GEPT/PPGE/UFMT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7301122684092609>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1966-220X>. E-mail: flaviaauri@yahoo.com.br

Introdução

Neste trabalho apresentamos reflexões sobre como, por meio da relação com a ancestralidade, com o sagrado e com a natureza, é possível que se criem processos educativos não escolares, através dos quais curadores e curadoras tradicionais aprendem e ensinam seus ofícios. Interessa-nos sentipensar⁴ a conformação do processo de ensino-aprendizagem subjacente ao exercício dos ofícios de cura, compreendidos aqui, enquanto estratégias de desenvolvimento, aprimoramento e validação de saberes.

O esvaziamento das experiências e das relações sociais decorrentes da primazia da racionalidade e do domínio das emoções/sentimentos imposta pelo pensamento eurocêntrico e das ações degradantes decorrentes da modernidade/capitalismo dilaceram a potência da sensibilidade nos processos formativos em diferentes contextos de produção e compartilhamento de saberes. Assim, segundo Guerrero Arias (2011), corazonar se apresenta como uma possibilidade outra de sentipensar o mundo.

Curadores e curadoras tradicionais desenvolvem seus saberes e fazeres sob uma perspectiva holística, entendendo a humanidade e o cosmos de maneira global, considerando todas as conexões existentes no mundo material e imaterial, bem como, sentindo, agindo e pensando a vida de maneira plena. Dessa maneira, suas vivências se constituem a partir de outras pedagogias possíveis, que Walsh⁵ (2009) denomina como ‘pedagogia decolonial’ e Santos⁶ (2020) define como ‘epistemologias do sul’, que

⁴ O conceito de sentipensar foi popularizado por Fals Borda, que o apreendeu por meio de seu convívio com as populações ribeirinhas da Costa Atlântica. Segundo Arturo Escobar (2014), “Sentipensar con el territorio implica pensar desde el corazón y desde la mente, o co-razonar [...] es la forma en que las comunidades territorializadas han aprendido el arte de vivir. Este es un llamado, pues, a que la lectora o el lector sentiense con los territorios, culturas y conocimientos de sus pueblos —con sus ontologías— más que con los conocimientos des-contextualizados que subyacen a las nociones de ‘desarrollo’, ‘crecimiento’ y, hasta, ‘economía’” (Escobar, 2014, p. 14). Seriam formas de nos contrapormos ao abuso da razão que a ciência ocidental capitalista tem nos imputado por meio do processo civilizatório imposto desde a colonização europeia. Assim, propõe-se pensar com o coração: corazonar.

⁵ Walsh (2009) considera que é a partir das pedagogias decoloniais que ocorrem as fissuras na ordem moderno/colonial, por isso ela se autodeclara pedagoga enquanto facilitadora de ações insurgentes, que têm a finalidade de promover as lutas dos coletivos sociais contra a ordem dominante, a matriz colonial de poder e protagonizar outros modos de ser e de pensar o mundo.

⁶ O autor afirma que as epistemologias do sul nascem a partir das lutas contra a opressão, o questionamento quanto aos alicerces epistemológicos do pensamento eurocêntrico. Dessa maneira, a reinterpretção do mundo é possível a partir da coletividade dos grupos sociais oprimidos que se

expressam outros modos de aprender e ensinar que insurgem à lógica cartesiana do conhecimento.

Como possibilidade de aprendermos juntos e não sobre as benzedoras e benzedores do quilombo de Mata Cavalo, construímos frutíferos diálogos e escutas solidárias durante o desenvolvimento do projeto de extensão tecnológica intitulado: Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedoras e benzedores do Quilombo de Mata Cavalo/Nossa Senhora do Livramento, com financiamento da FAPEMAT (Fundação de Amparo à Pesquisa em Mato Grosso), por meio do Edital 003/2021 Extensão Tecnológica, Conhecimento a Serviço da População. O projeto, desenvolvido por integrantes do GEPTE (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação) vinculado ao PPGE (Programa de Pós-Graduação em Educação) da UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), teve início em junho de 2021. Tais diálogos e entrevistas⁷ foram realizados no convívio com a comunidade, notadamente no transcorrer do mapeamento das benzedoras e benzedores e das oficinas formativas propostas pelo grupo pesquisador. É a partir dos dados empíricos compartilhados no diálogo estabelecido com as benzedoras e benzedores que tecemos nossas percepções, que são antes de tudo, sentidos e significados que atribuímos ao que sentimos, vimos, vivemos e escutamos ao longo da nossa estada no quilombo de Mata Cavalo.

A partir das oficinas do processo formativo, obtivemos subsídios para uma noção ampliada sobre os processos educacionais que envolvem seres humanos, natureza e o sagrado, imersos numa relação em que não há uma supremacia do humano, já que os processos de cura demandam horizontalidade e respeito à toda forma de existência.

As reflexões que aqui trazemos partem do materialismo histórico-dialético. Tal concepção metodológica propõe um rompimento com a aparência das coisas, com a falsa consciência, fixando-se na essência e fundando-se no modo humano de produção e reprodução da existência, conforme expresso por Kosik (2002). Cumpre destacar, que a produção e a reprodução da existência estão no campo das relações sociais, econômicas, culturais, familiares, onde quer que os seres humanos se movam nessa busca. Enquanto sujeito cognoscente, o ser humano não se coloca diante da

desdobram na construção de outras alternativas potenciais para emancipação social e para revolucionar a teoria.

⁷ Todas as falas e entrevistas utilizadas neste texto foram devidamente autorizadas, sendo que elas emergem no contexto da realização do projeto.

realidade de maneira passiva, mas age sobre a natureza de acordo com interesses próprios, permeados já por relações sociais. Percebemos, nos processos de cura mapeados, a potência das práticas cotidianas na produção da existência. Ademais, estão latentes epistemologias outras, que podem auxiliar na compreensão de processos formativos que envolvem a natureza, o sagrado, a ancestralidade e a tradição da comunidade.

No aprendizado dos saberes curativos, as pessoas se relacionam com a natureza e com o sagrado. Assim, considerando o princípio educativo do trabalho (Marx, 1988; Saviani, 2007; Antunes, 2005), salientamos ser possível que os seres humanos, no convívio com a natureza, não só a transformem para seu uso, mas ainda que essa natureza os transformem, num processo que não se diferencia do princípio ontológico da educação, incluindo outros seres e entidades (natureza, espiritualidade, religiosidade, ancestralidade) com os quais tais seres humanos partilham a existência e produzem sentidos para a vida. Esses sentidos estão mais nítidos nas práticas cotidianas, ou na experiência (Thompson, 2005) quando, ao produzirem cultura, os seres humanos significam a própria existência.

Dentre as formas de re-existir no território, ressaltamos as prática das medicinas ancestrais, por serem significativas no quilombo de Mata Cavalo, que se localiza a cerca de 50 km da capital de Mato Grosso, Cuiabá, na Baixada Cuiabana, tendo como bioma predominante o cerrado. O território abriga povos originários e comunidades tradicionais, mas também, e de forma crescente, fazendas monocultoras e agroexportadoras (Silva; Jaber, 2014). Configura-se desta forma, um cenário marcado por contradições e re-existências⁸, onde a população quilombola constitui suas identidades pela força da tradição ancestral e pela luta de suas lideranças.

A sabedoria ancestral presente na medicina tradicional é repassada de geração em geração, sendo que a cada nova geração e de acordo com as vivências e o contexto histórico, adaptações e novas descobertas vão sendo

⁸ Concibo la re-existencia como los dispositivos que las comunidades crean y desarrollan para inventarse cotidianamente la vida y poder de esta manera confrontar la realidad establecida por el proyecto hegemónico que desde la colonia hasta nuestros días ha inferiorizado, silenciado y visibilizado negativamente la existencia de las comunidades afrodescendientes. La re-existencia apunta a descentrar las lógicas establecidas para buscar en las profundidades de las culturas —en este caso indígenas y afrodescendientes— las claves de formas organizativas, de producción, alimentarias, rituales y estéticas que permitan dignificar la vida y reinventarla para permanecer transformándose. La re-existencia apunta a lo que el líder comunitario, cooperativo y sindical Héctor Daniel Useche Berón “Pájaro”, asesinado en 1986 en el Municipio de Bugalagrande en el centro del Valle del Cauca, Colombia, alguna vez planteó: “¿Qué nos vamos a inventar hoy para seguir viviendo?” (Achinte, 2009, p. 455).

feitas. Ao falarmos em re-existência (e não em resistência), buscamos indicar, conforme Walsh, que no re-existir e no re-viver estão presentes processos de re-criação (Walsh, 2009). Compreendemos, pois, que re-existir os sujeitos e grupos re-criam suas existências a partir de suas próprias percepções e experiências, retirando o protagonismo do opressor.

Como todo agir humano, os saberes estão ligados a contextos culturais e costumes vinculados ao cotidiano que diferentes povos e grupos experienciam na produção de suas existências. A partir da noção de costumes, Thompson (2005) enfatiza que estes marcam a própria produção da vida, já que, se é no cotidiano que se desenvolve a experiência da vida, os costumes comuns estão carregados de sentidos. Para Thompson (2005), o costume se mantém em estado de fluxo contínuo e dialético; se constrói a partir das contradições, inflexões, relações ou falta de relações entre as classes; é um campo para a mudança e a disputa, mas não pode ser percebido como um conjunto harmônico de regras e normas que regem uma determinada classe, que se subordina a ela. É, antes,

um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema”. É na verdade o próprio termo “cultura” com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto (Thompson, 2005, p. 17).

Conforme Thompson (2005), onde a educação formal não se interpõe ante a oralidade e a transmissão dos saberes, é possível percebermos de maneira inequívoca a permanência e a importância dos costumes, onde estes são compartilhados assentados nas práticas cotidianas por meio da oralidade, bem como, são partilhadas a experiência e a sabedoria comum da coletividade. “As práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares” (Thompson, 2005, p. 18).

Os denominados saberes tradicionais fundamentam-se em práticas que auxiliam na produção e entendimento da existência, seja em atividades cotidianas, seja em questões de maior complexidade. Percebe-se, assim, que

os saberes não estão relacionados a uma dimensão menos complexa da produção da vida, pois “[...] fundamenta-se na empiria, no experimentalismo e na observação direta e nela repousa a sua validade” (Albuquerque; Sousa, 2016, p. 236).

A seguir nos ocuparemos da discussão a respeito dos processos de educação não escolar percebidos entre as benzedoras e os benzedores mapeados e participantes das oficinas do projeto de extensão desenvolvido em Mata Cavalo, abordando suas particularidades e aquilo que têm em comum. Ressaltamos que esses processos se dão no cotidiano, mas nem por isso são desimportantes, pois, manifestam complexidade epistêmica alicerçada em metodologias que oportunizam, tanto aos (as) que aprendem como aos (as) que ensinam, a percepção de um dom, o aprimoramento desse dom e a avaliação/validação do saber por parte das pessoas que se incumbem da cura e de quem é curado.

Ofícios de cura mapeados em Mata Cavalo

Ao longo do mapeamento no quilombo de Mata Cavalo, foram localizadas 22 pessoas que praticam processos de cura, no âmbito da medicina tradicional. Entre os procedimentos identificados, os mais comuns são: a benzeção, a produção de beberagens (garrafadas, xaropes, melados, lambedores, chás), a indicação de banhos e a técnica de “olhar mulher” e “pegar criança” (ligados à gestação e ao parto). Esses dados referem-se ao coletivo que participou do processo formativo e que o grupo pesquisador conseguiu mapear. Buscamos sistematizar em um quadro esses saberes, os principais procedimentos empregados, os instrumentos que podem ser utilizados e as formas de aprendizado do ofício da benzeção.

Ressaltamos que o quadro tem intenção meramente didática, não representando todos os processos de cura existentes no referido quilombo, mas aqueles que foram relatados nas entrevistas, nas conversas, nas oficinas e no mapeamento. Outra observação pertinente é que, embora tenhamos dividido as práticas de acordo com o tipo de ofício, elas se complementam. Um benzedor ou benzedora pode indicar banhos, chás e garrafadas para completar o processo de cura. Além disso, costumam saber o ofício de ‘olhar

mulher⁹ e ‘pegar criança’¹⁰, que requerem outras técnicas de cura, tais como por exemplo, os banhos e as garrafadas.

Quadro 1: Sistematização das práticas de cura relatadas no mapeamento e nas oficinas de Mata Cavalo

Técnica	Procedimentos	Indicação	Instrumentos e parceiros	Aprendizado
Benzeção	Curas por meio de rezas específicas e intermédio de instrumentos	Dores de cabeça e de dente, quebranto, zipela, ar na cabeça, arca, mordeduras, rendidura, curas a animais, plantas ou plantações	Divindades, natureza, ramos, folhas, lenços, laços, emplastros, garrafa	de olhar e de conviver; prática no exercício do ofício; dom divino e dom nato
Beberagens	Preparos para beber (garrafadas, xaropes, melados, lambedores e chás)	Diversas doenças físicas ou espirituais, das menos graves às mais; podem ser complementares a outros tratamentos, como por exemplo: benzimentos, preparos para gestação e pós-parto.	Plantas (cascas, raízes, folhas, galhos) secas ou frescas, vinho ou cachaça, condimentos, divindades, natureza	de olhar e de conviver; prática no exercício do ofício
Banhos	Cura por imersão em água morna com plantas	Doenças de pele ou músculos, dores e desconfortos, gripes, resfriados, sintomas de COVID-19	Plantas e água morna	de olhar e de conviver; prática no exercício do ofício
Olhar mulher e pegar criança	Preparo para parto; parto; cuidados pós-parto	Dificuldade para engravidar; parto (com ou sem complicações); hemorragias pós-parto e recuperação uterina	Óleos, panos, beberagens, divindades	de olhar e de conviver; prática no exercício do ofício

Fonte: Elaboração dos autores (2022).

⁹ Olhar mulher diz respeito aos cuidados dispensados as gestantes, inclusive no que tange aos preparos que antecedem o parto.

¹⁰ Pegar criança, também conhecido como aparar criança, é como as próprias pessoas mapeadas denominam o ofício do parto. Embora possa dar a entender se tratar de um ofício simples, não se resume a pegar o bebê, exigindo muita habilidade, podendo envolver massagens para posicionar o bebê, desenrolar o cordão umbilical, fazer uso de óleos para facilitar a saída do bebê, entre outros. Além disso, envolve os cuidados com o pós-parto, como tratamentos a hemorragias e recuperação uterina com o uso de chás e garrafadas.

Entre as principais formas de aprendizado e desenvolvimento dos ofícios identificados pelo grupo pesquisador, estão o dom divino ou o dom nato, o aprendizado de olhar e de conviver e, por fim, a prática no exercício do ofício. Abordaremos cada um deles a seguir, dando ênfase aos processos identificados como a prática no exercício do ofício da benzeção, os quais entendemos serem parte relevante na fixação do aprendizado e na possibilidade de avaliação e de validação dos saberes ensinados por um mestre ou mestra de cura.

Uma possível relação entre o dom nato e o aprendizado de olhar e de conviver: a necessária subjetivação do dom

Em geral, quando relacionamos o aprendizado de um dom a uma habilidade nata, podemos entender que este já chega pronto a quem o recebe. Embora isso possa acontecer em alguns casos, percebemos nas entrevistas e conversas com benzedoras e benzedores de Mata Cavalo a necessidade de que haja uma subjetivação de tal dom, ou seja, que a pessoa reconheça tal habilidade, a aceite e busque desenvolvê-la. O desenvolvimento desse dom pode se dar por meio de uma relação direta com a natureza e com a divindade com a qual cada um se relaciona, porém, grande parte dos relatos enfatizam que o aprendizado se deu a partir da relação pedagógica com um mestre ou mestra da benzeção e que invariavelmente trata-se de uma pessoa próxima (parente, vizinha/vizinho, conhecido/conhecida). Depreendemos também que a referida prática educativa prescinde o dom nato. Embora isso não seja uma regra, percebemos que o curador ou curadora que ensina o ofício em geral nota na criança uma habilidade, que pode ser desde uma curiosidade até um dom natural (quando a criança já sabe benzer desde bem pequena, por exemplo).

Como esse aprendizado exige convívio e proximidade, em geral ele vem do pai/mãe, um vizinho/vizinha ou amigo/amiga da família. Dona Paulina Rosária se interessou pela cura observando o pai: “... meu pai era analfabeto, num escrevia não, mas tem uma sabedoria...! Eu, eu assisti ele curar pessoas com lepra, que num tinha nem cabelo mais na cabeça. E com isso me interessei mais em aprofundar em remédio caseiro.” (Áudio da oficina realizada em 23/11/2021). Ao destacar que seu pai era analfabeto, a curadora contrapõe o conhecimento ao saber tradicional, advertindo que

embora o pai não fosse alfabetizado conforme os moldes da cultura letrada (educação formal), o mesmo se tornara um especialista na cura daqueles que o procuravam, quer seja através da benzeção - rezas específicas para curar - ou na indicação de remédios caseiros à base das plantas.

Dona Berenice, também benzeadeira, relatou que aprendeu com o pai, observando o gestual e os procedimentos de cura que ele utilizava:

Eu aprendi com meu pai. Quando criança, na casa do meu pai vivia cheio de gente pra benzer, o meu pai curava gente que descrençava de médico, médico falava 'vai pra casa morrer, cê num tem mais cura', ele ia lá em casa no meu pai pra benzer. Então toda vez que meu pai ia benzer eu fazia questão de ficar pertin, só pra mim assuntar, só d'eu ver o jeito da boca que meu pai falava eu fui aprendendo. Hoje em dia eu benzo, benzo de vá- de vários tipo de coisa memo, faço remédio, ensino remédio também, né. Hoje qualquer coisa que aparecer que es' me pede, pode ter certeza dez, quinze minuto cê já tá bãozin. (Entrevista durante o mapeamento, 05/10/2021)

Em uma das oficinas, Dona Cecília, que produz xaropes, melados e outros tipos de beberagens, nos contou sobre sua neta, de quem ela cuida desde um aninho de idade. Com o passar do tempo, ela percebeu que a menina, sem que ninguém a tivesse ensinado, manifestava a capacidade de benzer. Dona Cecília, mesmo convivendo com a criança, relata com muita emoção:

quando eu chegava do serviço muitas vezes eu ia deitar assim ai 'cê tá dodói da cabeça?'. Quem que ensinou ela? Por isso que ela tá certa, é o dom professor, não tem como ensinar dom. Ela sabe benzer de quebrante e de arca caída... A menina tava lá, a Luzia, aquela menina que o senhor viu lá, ela tava ruim, eu falei 'Ivone vô leva essa menina rápido no médico que manheceu vomitando' 'num precisa, mamãe, me dá aqui ela!' entrou com ela lá: -Ela tá com muita quebrante, só isso... rapaz. Ela entrou com ela lá, benzeu ela. Agora quem ensinou ela? (Áudio da oficina realizada em 23/11/2021)

Ao perceber na criança a capacidade de diagnosticar e curar por benzimentos, Dona Cecília demonstra grande surpresa: "Agora quem ensinou a ela?" A neta da fazedora de chás Dona Lúcia Felicidade também

demonstra habilidade para benzer. Sua tia avó, Dona Paulina Rosária, que é benzedeira, chama atenção para o fato:

é que nem a neta dessa daqui [apontando para Dona Lúcia Felicidade], ela num sabe que a Nanda vai ser benzedeira. Ela já pede pra benzer. Um dia cheguei lá ela pegou e falou assim, primeiro eu benzi ela depois ela falou assim 'tia deixa eu benze a senhora' e pegou a foia diz que foi me benzer. Quem é que fala? (Áudio da oficina realizada em 23/11/2021)

Dona Paulina Rosária explica que há uma relação entre o dom nato e o aprendizado do ofício:

É igual a binzição, a binzição os povo fala assim 'a benzição é pra qualquer um', a benzição não é pra qualquer um. A benzição vem do dom (barulho alto de automóvel). Eu memo não sabia da onde que vinha, depois que vim vê que meus ancestrais eram benzedor, era curador (Dona Paulina Rosária, áudio de oficina do dia 23/11/2021)

Ao fazer tal reflexão, a curadora destaca a importância de sua ancestralidade e da continuidade do ofício, mas ressalta não ser para qualquer pessoa, pois Dona Paulina tem várias irmãs, e somente ela benze, como os ancestrais. Podemos inferir que não se trata apenas do convívio com os curadores, mas também do dom, caso contrário, todas as irmãs exerceriam o ofício da benzeção. Os curadores percebem sua responsabilidade em ensinar os processos de cura a pessoas (notadamente crianças) em que vislumbram o dom nato. Seu Emiliano explica:

Eu já benzi muito e ainda tô benzendo. E o povo que benzia, tá morrendo. Tá cabando. (...) Então ocê tem que olhar e retificá que no lugar que a gente tá tem que ficar outro igual você falou aí aquecida né? Então a gente mexe, cê já vai preparando outra pessoa para que signifique que fique no seu lugar. Porque o troço ele vai andando, retificando, ele num fica parado. Isso aqui gira como se fosse o mundo, o mundo é uma bola, mas tem gente que fala assim 'o mundo é parado', não! O mundo gira, a Terra gira. Hum... Ela gira. Então nós giramos junto, então nós temo que fazer e deixar porque um dia se nois faltá, tem aquele prá cobrir, aquele nosso componente, aqueles que tão nascendo, né? E vem subindo. Esse nós temos é obrigatoriamente deixar esses ensinamentos

porque próprio a palavra de Deus cobra! (Seu Emiliano, áudio de oficina do dia 23/11/2021)

Se Emiliano ressalta a incumbência de ensinar o ofício para que o mesmo não deixe de existir, mas, como já afirmado anteriormente, não é qualquer pessoa que estará apta ao aprendizado. É preciso saber a quem ensinar. No transcorrer de uma das oficinas, dialogávamos relativamente à importância da aprendizagem do ofício de benzeção para as gerações futuras objetivando assegurar a continuidade do mesmo e em dado instante Dona Paulina Rosária nos informa que algumas benzedoras e benzedores manifestam resistência ao ensino da benzeção:

Porque tem muitos que não gosta de ensinar(...) porque a pessoa, esse negócio de benzimento a pessoa já nasce com aquele dom, então cê vai ensinar pra uma pessoa que num nasceu com aquele dom que quer aprender pra, pra ser... tira força das pessoas que tão, que nasce já com o dom. (Dona Paulina Rosária, áudio de oficina do dia 23/11/2021)

Essa não foi a única vez que ouvimos esse relato sobre “tirar a força” ou “perder a força”. Destarte, depreendemos que o ensino da benzeção não envolve apenas o desejo e ou a intencionalidade de ensinar ou de aprender, mas a necessidade de que a pessoa possua o dom. Tal consideração é imprescindível à não banalização da referida prática educativa, que possui normas, lógicas, procedimentos e organização própria.

Ao perceber na pessoa o dom, o benzedor ou benzedora pode, a partir daí, iniciar o processo de ensino. Como o dom não chega acabado, a pessoa que o porta, necessita desenvolvê-lo de acordo com o contexto de doenças e práticas de curas imersas em uma dada cultura. Se o fato de uma criança saber benzer acarreta espanto, compreendemos a importância do olhar “aprendente”, ou seja: a intencionalidade de aprender e, a partir dela, ir praticando. Mas há algo específico nessa episteme. Foi seu Emiliano quem nos ensinou:

- É difícil essas benzeção do senhor é as mais, pouca gente faz né? Mordedura de cobra...

- Não, tá cabando, num tá tendo mais... é... o sucesso das pessoas que, que vive na atualidade desse ramo, tá cabando. Tá morrendo tudo.

- E ninguém tá mais querendo aprender será?

- Eles num pratica né?

- *Num pratica.*
 - Num pratica, não, o pobrema é a práticação né?
 - É?
 - Quem praticou na época, sabe. Quem num praticou, fica difícil.
 - *O senhor praticou como? Quem que ensinou o senhor, seu Emiliano?*
 - Eu pratiquei com meu pai.
 - É?
 - É. Meu pai foi benzedor.
 - (...) - *Aí de pequeno o senhor ia olhando ou ele ia, pegou chamou e ensinou?*
 - Nada. Eu só olhando ele fazer, ele nunca me ensinou.
 - É?
 - Não. Eu só olhando o que que ele fazia, de vez em quando ele me explicava alguma coisa. Num é... me explicar aquele detalhe e mais ou menos o, o, o tato que deveria seguir né?
- (Entrevista durante o mapeamento, 05/10/2021)

Como nos ensinou o benzedor seu Emiliano, o exercício do ofício da benzeção ou nas palavras do mesmo: a ‘práticação’, se diferencia da ação simples de repetição do que foi aprendido, já que, nesta pedagogia outra, há o desejo de experimentar, descobrir, reinventar, ousar etc., visando assegurar a cura e honrar os ensinamentos dos mestres e mestras.

O processo educativo subjacente à medicina tradicional: percepções inerentes à prática no exercício do ofício da benzeção

Conforme percebemos nos processos de educação descritos pelos praticantes de ofícios de cura em Mata Cavalo, existe uma epistemologia própria, que permite o aprendizado por meio do convívio e da observação direta tanto dos ofícios e no que tange à relação que se estabelece com a natureza e com as espiritualidades que atuam em tais processos. Isso posto, mesmo que o aprendizado ocorra por meio da observação e do convívio com familiares, amigos, padrinhos e vizinhos, deduzimos a existência de uma espécie de avaliação e ou de validação dos saberes praticados pelos mestres e mestras do ofício da benzeção e a consequente eficácia de cura.

Medaets (2020) ao se debruçar sob os processos de aprendizagens na região do Baixo Tapajós, no Pará, afirma a não existência da necessidade de estímulo à aprendizagem por parte dos adultos na educação dos menos

experientes, pois, o existir em comunidade por si só já constitui uma aventura instigante, dado que, a produção da existência a partir dos saberes e fazeres locais/tradicionais aflora a reflexão e a imaginação como possibilidade de ressignificar a vida. Portanto, entender essa lógica da educação alicerçada sob outros pilares epistemológicos, pressupõe considerar-se a existência educações outras que subvertem à lógica eurocêntrica baseada na razão cartesiana.

No bojo dessas pedagogias outras, Medaets (2020) compreende o papel da atenção minuciosa em todos os espaços sociais, seja na contemplação do ambiente natural, na ação e gestos dos mais experientes, nas narrativas contadas sobre as aventuras dos seres não-humanos protagonistas do mundo do encanto. A diversidade dos saberes que circulam com base nas percepções e construções sociais de um determinado grupo social configura a educação pautada no escutar, no observar, no tocar, no cheirar e no degustar as delícias de viver e produzir a vida em comunidade.

Dessa maneira, no transcorrer dos processos de cura são forjadas pedagogias outras que se fundam a partir da experiência, e da sensibilidade e simultaneamente expressam uma estratégia de re-existência das benzedoras e benzedores de Mata Cavalo. Frente à colonialidade do saber, do ser e do poder (Quijano, 2005)¹¹, os curadores e as curadoras reformulam suas existências para lutar contra as pressões que tentam suprimir os saberes ancestrais, considerados subalternos.

Os ofícios tradicionais de cura também são espaços de luta e disputa entre os campos do saber, pois insurgem como possibilidades contra-hegemônicas quanto à promoção da cura, como lugares outros de educações possíveis, de lutas e de re-existências diante do saber científico eurocêntrico.

Seu Emiliano, quando perguntado sobre a existência de pessoas interessadas no aprendizado do ofício da benzeção, respondeu cada vez mais raro por conta dos desafios decorrentes do exercício do ofício. Enfatizamos, pois, que não basta a disponibilidade de um benzedor ou benzedora que ensine os mistérios do processo de cura, nem tão pouco o convívio e a observação cotidiana. A pessoa aprendiz necessita praticar, experienciar, ousar, persistir, escutar etc. É preciso, no caso da benzeção, que ele ou ela tenha o dom, que possa conviver/observar o ofício no cotidiano, e tenha o

¹¹ O sociólogo peruano traz grandes contribuições para o campo de análise do pensamento decolonial, Quijano (2005) apresenta uma compreensão histórica e crítica da constituição da modernidade a partir da estrutura colonial dominante proposta pelo capitalismo.

desejo de praticar. Assim, o exercício do ofício da benzeção não implica repetição, mas antes de tudo o desejo de praticar. O transcorrer do aprender fazendo oportuniza a avaliação, que consiste na validação do saber na prática. Na maioria das vezes, a cura é realizada na presença do mestre ou mestra, que no ato da cura avalia o praticante. Percebemos que o aprender fazendo se apresenta no aprendizado de olhar mulher, de pegar criança e no preparo das beberagens.

A benzedeira Dona Sebastiana aprendeu a pegar criança observando a avó. Por volta dos 12 anos de idade, foi escolhida para fazer os partos da mãe. No ato de pegar os irmãos, a mesma exercitava o ofício e a avó a observava, avaliava e testava a neta partejando. Ela nos relata detalhes de como se deu o seu processo de aprendizagem:

- *Mais aí ela [a avó] ensinava a senhora ou senhora olhando assim...*

- Porque ela era parteira né, eu desde pequena, desde 10 ano acompanhava ela

- *Ah ela era parteira...*

- Aí eu quando foi, eu tinha 12 ano eu já aparei um bebê, aí já foi me ensinando. Aí depois outros bebê já foi da minha mãe né, que a minha mãe médico nem gostava de mexer com minha mãe porque minha mãe tinha problema...

- *Senão, não nascia.*

- Senão num nascia, médico num gostava de fazer parto da minha mãe. O das minha irmã, nós somos em 12 só 3 que eu num peguei, o resto tudo foi eu. Primeiramente Deus e Nossa Senhora, depois eu.

(Entrevista durante o mapeamento, 06/10/2021)

Desde os 10 anos de idade, Dona Sebastiana já acompanhava a avó, observando atentamente o seu trabalho como parteira. Nesses momentos, ia aprendendo. Sabemos que, no momento da realização dos partos, não é comum que outras pessoas estejam presentes, o que demonstra que, ao permitir que a neta ficasse junto a ela, a avó tinha a intencionalidade de ensiná-la. Porém a intencionalidade de sua avó não lograria êxito se a criança não tivesse o desejo de aprender e se não se mantivesse ali, alerta aos processos percebidos. Dona Sebastiana estava sob a supervisão da avó quando nos diz: “aí já foi me ensinando”. Decorridos dois anos de aprendizagem, ou seja, com doze anos, ela aparou o primeiro bebê. A partir de então foi incumbida de aparar os irmãos, ou seja: foi aprovada pela avó para a realização dos partos da mãe, que eram bastante complexos, como ela

nos descreveu. Ela diz aparar, mas não era só esperar o bebê vir até suas mãos e finalizar o parto, pois, era preciso utilizar a técnica aprendida com a avó, qual seja: passar azeite quente para que a criança sabsse e não fosse impedida pelo útero baixo. A partir dessa complexidade, percebemos que o acompanhamento do exercício do ofício possibilitou que a avó, ao avaliar o trabalho da neta, lhe autorizasse a seguir no ofício.

Com seu Arnaldo não foi diferente: cresceu vendo a mãe pegar criança.

- *E aí o senhor aprendeu a benzer com quem?*

- Óia... com mamãe.

- É?

- Anrram.

- *Ela benzia, o senhor olhava de criança...*

- Benzia, é... ajudava muié pra ter criança. Ela ajudou 48 e, e num... [incompreensível] nenhum.

- *É? Aí o senhor ficava ali de olho... aprendendo...*

- É tudo o que ela fazia pra mim fazer, no caso de tal remédio, esses negócio, sempre ficava acompanhando ela..

- *Aí o senhor foi aprendendo de cabeça... teve algum sonho, alguma coisa ou não? Foi só na prática?*

- Só.

(Entrevista durante o mapeamento, 05/10/2021)

Aqui também percebemos as intencionalidades para o aprendizado, tanto da mãe de seu Arnaldo, que o solicitava como seu ajudante, como do próprio que, ainda criança, ficava sempre por perto, observando e realizando as tarefas que lhe a cabiam. Seu Arnaldo também realizou o exercício do ofício e produz remédios para facilitar a concepção e o parto.

Dona Cecília não realizou partos, mas presenciou o nascimento das irmãs em casa. Após os partos, a hemorragia da mãe era tratada com remédios naturais que a parteira receitava. Ela se lembra bem:

- Ela [a mãe] falou: ‘cês nunca foram no médico, nunca ganhei neném no médico’, quando ela ganhava neném o que que era, o que que, eu lembro porque eu só, assim eu tem a... quando ela ganhou Paula, Paula é a caçula, Ediviges é mais nova do que eu, então eu via quando ela ganhava neném em casa normal, ficava sangue correndo mais de semana, que que era o remédio que a parteira dava? Carapiá com pinga e Quina.

- *Carapiá é bom pra cólica né?*

- Poisé, pra fazer aquela queimada com pinga, num era negócia, era com pinga ainda tá?! Fazia e tomava isso aí que cortava o sangue, é pra isso aí que estancava o sangue... fazia tudo. (...) Então é esses aí que mamãe tomava, quando ganhava neném, quando ia ganhar neném a parteira fazia era isso.

(Entrevista durante o mapeamento, 05/10/2021)

O fato de as mães terem seus filhos em casa, permitia que os saberes circulassem, ficando guardados na memória desde a infância, sendo aplicados ainda hoje. Dona Paulina de Jesus foi aprendendo com as lições da avó até que resolveu que estava apta a seguir com o exercício do ofício: “O remédio ela me ensinou ...prá rancar as raiz, eu, nós, ficava tudo era curiosa ia junto com ela, aí ela falava ‘isso aqui é bão prá tal coisa, isso aqui é bão prá tal coisa’ aí assim... depois eu falei, eu vou sozinha, o trem é bão prá mim memo.” (Entrevista durante o mapeamento, 06/10/2021). E foi testando os remédios, fazendo para os filhos e depois para os netos, se aperfeiçoando: “eu já fazia pras minha criança quando eles casaro que ganhou criança tudo eu sempre memo que faço o remédio pra eles...” (Entrevista durante o mapeamento, 06/10/2021). A benzeção ela aprendeu quando criança, olhando a avó: “Olha quem me ensinou eu benzer foi a minha vó. Eu era criança ainda, mais eu era curiosa demais (...) É, aí minha vó foi me ensinando, minha mãe morreu, ela já tava bem de idade que ela tava. Ela falava ‘ó minha fia, ocê num tem mãe prá te ensinar, mas eu vou te ensinar!” (Entrevista durante o mapeamento, 06/10/2021).

Dona Berenice explicou que começou a benzer aos doze anos. Ela observava seu pai benzer, ia experimentando: “Não, assim, eu fui experimentando né... Então como eu via meu pai benzer, eu pegava naquelas orações dele aí eu começava a fazê aquela oração que eu via ele fazer né... Aí dava certo! Aí eu continuei.” (Entrevista durante o mapeamento, 05/10/2021). No caso de dona Berenice, fica evidenciado a importância do aprender fazendo, onde o pai talvez não tenha lhe dito a frase formulada pela avó de Dona Paulina: “eu vou te ensinar!” Mas, por ele ter permitido que ela lhe observasse, que segurasse as crianças quando ele as benzia, e em seguida por sua dedicação, por seu desejo, foi experimentando.

Para dona Samara, a avaliação/validação foi realizada pelo próprio pai, e resultou em aprovação, pois o benzimento deu certo! Ela nos contou a sua história:

eu comecei benzer de arca caída, é... quebranto, essas coisas, arca caída eu adquiri isso do meu pai, né? Então assim, meu pai ele, ele benzia (...) Aí ele passou prá mim e e um dia assim por ironia do destino não sei ou era a minha sina mesmo, eu acabei benzendo meu próprio pai né, (risos) que ele mesmo que me ensinou. E aí um dia ele passou prá mim essa missão de benzer ele. E graças a deus funcionou, deu certo. (Entrevista durante o mapeamento, 05/10/2021)

Nessa estrutura de educação, percebemos, então, que a pessoa que ensina o ofício valida o aprendiz, iniciando o processo quando permite que a criança esteja ali, do seu lado, lhe observando, para, no momento oportuno, colocar tal aprendizado à prova.

Essa educação não escolar não está condicionada aos conhecimentos escolares/acadêmicos ou seguem os currículos projetados a partir da matriz ocidental do conhecimento científico, uma vez que, esses homens e mulheres se especializam a partir de suas experiências de vida, ou seja, de suas experiências concretas considerando as necessidades dos sujeitos oriundos de sua comunidade. Desse modo, sua especialização urge a partir da sensibilidade que orienta ações como o diagnóstico da doença, o diálogo e a escuta do (a) enfermo (a), o tratamento e a indicação de remédios feitos de plantas do cerrado para complementar o tratamento.

Dessa maneira, a prática da benzeção representa mais que dar a benção a alguém em nome da cura, mas uma forma de produzir e garantir as existências diante dos conflitos com a classe dominante, caracterizando-se “como uma estratégia social e política que as pessoas utilizam na sua vida cotidiana” (Oliveira, 1985, p. 46). Esses (as) especialistas da cura reexistem e exercem seus ofícios fundamentados na ancestralidade, na pedagogia do cerrado, elaborando seus saberes em suas interações com os humanos, com os não-humanos e com a mãe natureza, delineando, portanto, outros modos de aprendizagens que são construídos a partir de uma pedagogia pautada no estabelecimento de redes de alianças entre humanos, encantados e natureza, conduzidos por lógicas de existências outras e articuladas por fios comunitários e culturais próprios.

Nos quintais visitados, observamos que quase não há separação entre a mata nativa e a área das residências. Isso facilita o aprendizado das crianças, que estão sempre à volta e por perto, não precisando se afastar muito na mata a dentro para coletarem plantas quando lhes é solicitado.

O aprendizado do ofício não diz respeito somente às práticas utilizadas no momento da cura, mas também sobre perspectivas e visões de

mundo. É também sobre a maneira que se relacionam com os demais seres (humanos ou encantados), com a natureza e uns com os outros. Sobre como tal processo coletivo e solidário ocorre na benzeção, Oliveira (1985) assevera:

Variando em graus e formas de cultura para cultura, a eficácia da benzeção sintetiza uma dádiva, através da qual a cultura encontra uma linguagem para expressar um sentimento cristalizado numa prática social que toca a todos porque lhes diz respeito. Em outras palavras, esse saber possibilita desvendar uma lógica para a explicação dos segredos, dos mistérios, decifrar relações sociais entre pessoas e grupos sociais, solidarizar-se com a dor daqueles que sofrem. Além disso, ele produz reflexões sobre a inserção dos oprimidos na sociedade. Cria esperanças e forja reciprocidades. Na eficácia, produz-se um encontro dessa fragmentação, num esforço onde se multiplicam essas unidades. Na eficácia sempre é preservado o princípio da pessoalidade, da proximidade e do calor humano, como um princípio coerente com as necessidades coletivas da comunidade onde ele se faz. (Oliveira, 1985, p. 91 e 92)

Portanto, é importante que eles e elas tenham uma visão ampla e complexa sobre a natureza (das gentes, dos bichos, das plantas, do sagrado), e isso também é ensinado por seus mestres, como nos diz dona Estevina, que aprendeu as lições com seu pai:

É ele falava memo ‘minha fia, num, num, o que ocê tiver de fazer faz pra viver, não prá morrer, prá matar ninguém. Então eu, hoje em dia eu faço, eu quero que a pessoa vive melhor do que eu, porque nois tudo somo seres humanos. Nois tudo tem que viver, tem que por força deles, de Nossa Senhora prá nois ir prá frente. É isso que eu quero. O que eu tenho da minha casa, se eu puder ficar sem ele e dar, eu dô. Porque num é só eu que sinto fome, todo mundo sente. (Entrevista durante o mapeamento, 05/10/2021)

Como alguém que tem apenas o suficiente para sua sobrevivência material pode falar em dar, dividir suas coisas? “*O que eu tenho da minha casa, se eu puder ficar sem ele e dar, eu dô. Porque num é só eu que sinto fome, todo mundo sente.*” Nessas ocasiões, fazendo o bem, Dona Estevina, que aprendeu com seu pai, também ensina. Esse saber se torna, assim, um modo de vida insurgente, rebelde; é, portanto, uma episteme revolucionária. Sua

essência é coletiva. Aprende-se em sociedade, em grupo. Nas festas de santo que ela promove anualmente, onde partilha comida farta com quem quer que chegue, na “fazeção” de xaropes e nas benzeções, ela honra seu pai, que honra toda sua ancestralidade.

Além do aprendizado, é preciso que haja um reconhecimento por parte da própria comunidade onde a pessoa atua. Portanto, tal reconhecimento se insere e reforça nossa percepção do que dissemos anteriormente, de que as práticas tradicionais se situam nas dimensões dos costumes e da cultura, sendo, portanto, um saber coletivo. Desse modo o modelo dominante de produção, pautado no viés capitalista de lucro, da competição e do individualismo não prevalece ante suas relações sociais estabelecidas em favor da valorização da vida e da coletividade pelos laços de solidariedade e de reciprocidade.

Oliveira (1985) assim desenvolve essa reflexão sobre a legitimidade nos processos de cura:

O processo de produção e de legitimidade do seu ofício leva anos. Ele é um saber de práticas rituais, levado adiante por pessoas que possuem algum tipo de legitimidade na comunidade. Esse processo de conhecer é gerado em linguagem e forma simples, ricas e diretas. E para os seus iguais como um alguém de dentro da sua própria classe. Ele se dá dentro de um mundo vasto e inteiramente organizado, dividido internamente, habitado por símbolos e lógicas próprias. (Oliveira, 1985, p. 44)

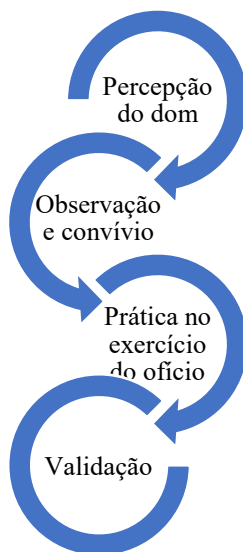
Inferimos que para além dos saberes individuais que cada curador ou curadora desenvolve, para que os processos de cura aconteçam, é importante que todos os membros da comunidade onde eles e elas estão inseridos detenham saberes sobre as doenças e males que podem lhes atingir. Isso se revela quando as pessoas buscam um benzedor ou benzedeira ao notar determinado sintoma na criança, ao buscar uma garrafada, ou mesmo quando a medicina acadêmica não consegue oferecer a cura para determinado sintoma ou doença. Aqui também a educação acontece de forma coletiva, se desenvolvendo no imaginário, por meio dos costumes e da cultura.

Albuquerque e Sousa (2016, p. 239) compreendem os saberes culturais enquanto

[...] uma forma singular de inteligibilidade do real, fincada na cultura, com raízes na urdidura das relações com os outros, com a qual, determinados grupos reinventam criativamente o cotidiano, negociam, criam táticas de sobrevivência, transmitem seus saberes e perpetuam seus valores e tradições. Os saberes são construídos nas práticas sociais cotidianas dos sujeitos, em suas experiências religiosas, festivas ou no trabalho não sendo, portanto, produzidos, exclusivamente, no contexto da ciência moderna a partir de laboratórios, dos livros ou das academias do saber

Neste sentido, entendemos que os saberes e fazeres curativos são mobilizados conforme modos outros de ensinar e aprender, ancorados na ancestralidade, na espiritualidade, na conexão com a mãe terra, em elementos presentes na sua tradição, nas crenças e nos valores culturais, históricos e sociais. A seguir, sintetizamos esse processo de educação que perpassa os saberes de cura em Mata Cavalo:

Figura 1 - Processo de aprendizado de saberes curativos em Mata Cavalo



Fonte: Elaboração dos autores (2022).

Todo o processo de aprendizado expresso no quadro acima se baseia nas práticas sociais e coletivas observadas no grupo. Percebemos, pois, que

as doenças e os cuidados requeridos fazem parte da significação que o coletivo atribui à medicina tradicional, através de suas práticas de cura. É a reflexão que Quintana faz sobre o corpo, as doenças e os sentidos a eles atribuídos:

Sendo, pois, o corpo uma construção social, as doenças que nele se manifestam, assim como as terapêuticas destinadas a combatê-las, nunca são meramente individuais, elas também levam a marca do social. É por esse motivo que, segundo Augé (1986), pensar a doença é já fazer referência aos outros. Com efeito, cada grupo social faz determinados recortes através dos quais constrói suas representações tanto da doença como da cura (Quintana, 1999, p. 45).

As dores, as doenças, os diagnósticos e as curas estão circunscritos, em grande medida, a determinados contextos culturais que lhes dão sentido, de acordo com os significados que cada coletivo atribui a elas. Assim, se evidencia a conexão existente entre a comunidade e suas representações sobre a vida, que envolvem, assim, as doenças e as respectivas curas.

A resistência e re-existência dos saberes e práticas de cura são também processos coletivos. Quando o povo da comunidade se reconhece em suas práticas e valida os saberes, isso não somente demonstra a eficácia de tais processos de cura, mas dá sentido a uma existência coletiva e solidária.

Considerações finais

Este texto buscou perceber como se estruturam os processos educativos não escolares entre curadores e curadoras ancestrais do Quilombo de Mata Cavallo. As reflexões foram efetivadas em conversas, entrevistas e diálogos realizados no contexto do projeto de extensão “Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedeadas e benzedores do Quilombo de Mata Cavallo/Nossa Senhora do Livramento”.

Percebemos que os processos de cura se estruturam a partir da existência de três eixos: a *espiritualidade*, a *ancestralidade* e a *coletividade*. Assim, tendo em conta tais dimensões, trazemos aqui percepções, que são antes os sentidos e significados que atribuímos às conversas entre o grupo pesquisador (GEPTE) e os curadores e curadoras de Mata Cavallo.

Ao voltarmos nosso olhar para o processo de aprendizado de tais saberes e fazeres curativos expressam, observamos que este se inicia na percepção de um dom que pode ser nato, geralmente vinculado à uma dádiva divina e variando desde a habilidade em si de promover a cura até uma curiosidade e desejo de aprender. A partir dele, cabe aos curadores e curadoras promoverem a aprendizagem, em geral iniciado ainda na infância. Como esse aprendizado requer convívio e observações cotidianas (o gestual, o comportamento) e técnicas assentadas em saberes específicos e complexos (tipos de plantas, de rezas e relação com santos, divindades e encantados), ele em geral se inicia entre pessoas mais próximas: o pai, a mãe, a avó ou outros familiares. Esse é o processo de aprendizado de conviver e de olhar, fundamental no ensino de tais saberes.

Consideramos que se desenvolve aí uma episteme, sem a qual o dom não basta: o exercício do ofício. O aprender fazendo que pode desaguar no saber fazer, tem início no desejo de aprender e de aprimorar um ofício para o qual a pessoa já foi direcionada, quer seja por um dom natural/divino, quer por um aprendizado com familiar ou outro conhecido. Percebemos que nesse processo de aprendizado as pessoas envolvidas se relacionam de forma direta com a natureza, com o sagrado e com a ancestralidade. Seus sentidos estão atentos para o que a natureza e o sagrado lhes dizem, para que possam relacionar com o que lhes foi ensinado por seus antepassados ou pelo dom percebido.

É por meio do exercício do ofício, ainda, que os mestres e mestras podem avaliar e validar o aprendizado dos praticantes (muitas vezes ainda crianças) que pode dizer respeito a benzeção, a coleta de plantas para chás ou garrafadas e até mesmo a partos. Nos diálogos realizados em Mata Cavalo, algumas pessoas relataram ter realizado partos aos dez ou doze anos de idade, sendo observadas de perto pelos mestres ou mestras de cura. Nesses momentos, o aprendizado podia ser colocado à prova, validado. Essas práticas de cura são reafirmadas no cotidiano, no convívio, na confirmação dos costumes que remetem a ancestralidade. Aí também ocorre mais uma etapa da validação dos saberes: quando a comunidade, ao perceber que a pessoa possui a habilidade requerida para a cura, a procura. É por isso que reafirmamos a coletividade dos saberes e práticas curativos do quilombo de Mata Cavalo. Eles não existem em si, senão a partir e dentro do contexto da comunidade, onde reside o seu reconhecimento social

A sabedoria das benzedeadas e benzedores se fundem a partir de saberes e experiências pautadas na constante articulação entre trabalho,

cultura e educação na constituição das relações sociais comunitárias que florescem a partir dos quintais, dos terreiros, das igrejas, das matas, das águas etc., existentes no quilombo de Mata Cavalo. Evidenciamos e refletimos sobre modos outros de aprender e ensinar pautados nos saberes tradicionais, na valorização da vida, nas experiências, no coletivo, na amorosidade e na solidariedade que se contrapõe à hegemonia do pensamento eurocêntrico que desperdiça e invalida a potência dos saberes não escolares que permeiam a produção da existência dos povos originários e das comunidades tradicionais.

Esse posicionamento contra hegemônico requer um diálogo profundo para aprendermos com a cultura tradicional e construirmos de forma coletiva (conhecimento científico/academia e sabedorias tradicionais) outras bases epistemológicas para o processo educativo. Dessa maneira, frente a modernidade degradante urge a necessidade de reflorescer as mentes para o reconhecimento e valorização de outras educações possíveis e decoloniais.

Referências

ACHINTE, Adolfo Alban. *Pedagogías de la re-existencia: artistas indígenas y afrocolombianos*. In: PALERMO, Zulma. **Arte y estética em la encrucijada descolonial**. Buenos Aires: Del Signo, 2009.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B; SOUSA, M. B. Saberes Culturais. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf (Orgs.). **Uwakürü: dicionário analítico**. Rio Branco: Nepan Editora, v. 1, p. 230-250, 2016.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005. (Coleção Mundos do Trabalho)

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar com la tierra: nuevas lecturas sobre desarrollo, território y diferencia**. Medellín: UNAULA, 2014.

GUERRERO ARIAS, Patricio. Corazonar la dimensión política de la espiritualidad y la dimensión espiritual de la política. Universidad Politécnica Salesiana del Ecuador. **Revista de Ciencias Humanas, Sociales y Educación**, n. 10, 2011. Disponível em:

<https://dspace.ups.edu.ec/handle/123456789/8264>. Acesso em: 04/08/2022.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Trad. NEVES, Célia; TORÍBIO, Alderico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARX, Karl. **O capital**. Crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Bertrand, v. 1, 1988.

MEDAETS, Chantal. “**Tu garantes?**”: aprendizagem às margens do Tapajós. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é Benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985 (Coleção Primeiros Passos).

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO; Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

QUINTANA, Alberto Manuel. **A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Bauru: EDUSC, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. 1ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007.

SILVA, Regina; JABER, Michele. Metodologias e itinerários do mapeamento social da Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, Mato Grosso, Brasil. In.: Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste – Anped, 12, 2014, Goiânia, **Anais...**, Goiânia, 19 a 22 de outubro de 2014. Disponível em: www.fe.ufg.br/nedesc/cmV/DocumentoControle.php Acesso em 04/08/2022.

SOUSA, Marcio Barradas. ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. Benzer, orar e educar: percursos de uma curadora da Amazônia. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n.34, 2018.

THOMPSON, Edward Palmer. Introdução: Costume e Cultura. In.: **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2005.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: Insurgir, re-existir y revivir. En P. Melgarejo (Comp), **Educación Intercultural en América Latina: Memorias, horizontes históricos y disyuntivas políticas**. México: Universidad Pedagógica Nacional, CONACIT, Editorial Plaza y Valdés, 2009. Disponível em: <http://www.saudecoletiva2012.com.br/userfiles/file/didatico03.pdf>. Acesso em: 04/08/2022.

Recebimento em: 08/08/2022.

Aceite em: 05/09/2022.